

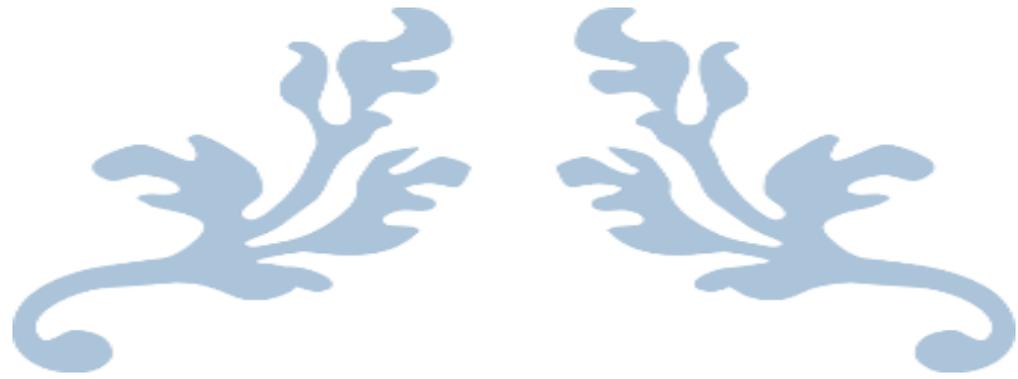
# Castelo Branco 1509

---

O que viu Duarte D'Armas?

Júlio Vaz de Carvalho

Projecto Final



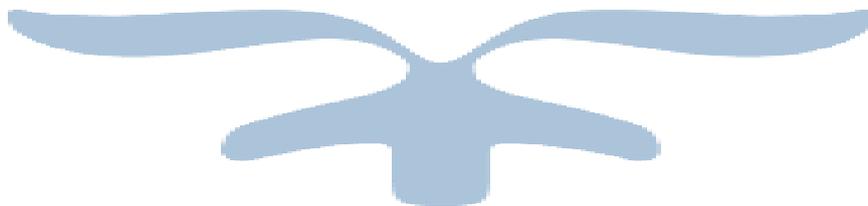
# Castelo Branco 1509

O que viu Duarte D'Armas?

---

O que viu Duarte D'Armas?

---



*“Não devem esquecer os Albicastrenses que, se esta cidade existe, ela deve-o ao facto de, um dia, ter sido erigido um castelo no topo do cerro da Cardosa...”*

*Nuno Villamariz Oliveira*

É um dos objetivos do presente trabalho abrir mais uma janela sobre a configuração e volumetria do castelo de Castelo Branco bem como a zona urbana intramuros, no início do séc. XVI através do estudo das várias descrições da época e posteriores. Não pretende ser um estudo definitivo sobre a fortaleza albicastrense – aliás, em História, nada é definitivo - nem um repositório de verdades absolutas sobre como que terá sido o mesmo. Pelo contrário, pretende-se que seja uma publicação aberta à discussão e mais um contributo para aguçar a vontade de querer saber mais sobre uma estrutura que carece da pesquisa permanente, metódica, documental e, sobretudo, no terreno da sua área de implementação. Nunca são poucos os que a ele se dedicam, de forma metódica e séria, e graças aqueles que têm dedicado o seu tempo a procurar entre as ruínas do passado as histórias e património trazendo-os à luz do nosso conhecimento, algumas memórias, estas permanecem abertas ao estudo e a esses estudiosos, desde já, fica um imenso obrigado. Sem estes estudos e investigações, será sempre difícil encontrar respostas para as perguntas que ainda estão em aberto – e elas são imensas. Quanto mais desatualizadas forem as conclusões e resultados das investigações reunidas neste trabalho - e conseqüentemente na maquete da qual é complemento – maior terão sido os avanços no conhecimento da história e evolução da estrutura militar medieval/gótica albicastrense, logo, mais um passo para o saber e enriquecimento da História da nossa cidade. Das fontes e autores que se debruçaram sobre a interpretação e estudo de documentos e testemunhos que chegaram até nós será, sem sombra de dúvida uma das mais importantes, a representação da Vila Albicastrense, suas muralhas, alcáçova e zona envolvente, desenhada por Duarte D’Armas no seu Livro das Fortalezas datada de 1509. Desta Obra, que serviu de principal documento de suporte deste estudo, conhecem-se três versões. Uma está depositada na Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional de Madrid e segundo os especialistas contém os primeiros esboços do Autor, bastante incompletos no traço mas, em contrapartida, amplamente anotado e legendado para posterior finalização. A segunda versão encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Biblioteca Nacional e disponível para consulta on-line no site do ANTT, talvez a de melhor qualidade de pormenorização e representação de inúmeros elementos da fortificação e de aspetos da vida quotidiana da época, peca contudo na falta de muitas legendas do anterior (vide Dicionário de Arquitetura Militar – Pires Nunes, A.L., Ed. Caleidoscópio – 2005). A terceira versão, da autoria do general João de Almeida, a mais divulgada mas, como refere Pires Nunes no já citado Dicionário de Arquitetura Militar, peca pela redução das ilustrações que melhora *“a visão de conjunto mas muitos pormenores passam desapercibidos e algumas legendas da segunda foram suprimidas”*. Pires Nunes refere que a importância desta obra *“reside no facto de ter sido desenhado em 1509, numa época de transição na arte de fortificar em Portugal, constituindo o corolário da fortificação medieval”*. Não será demais realçar que os debuxos de Duarte D’Armas, encomendados pelo rei D. Manuel I e destinados a aferir o estado de conservação dos castelos de fronteira - importante documento de afirmação Nacional enquanto Nação Soberana - é um testemunho essencial para a compreensão da política estratégico-militar. Ali encontramos a mais antiga representação gráfica de que há conhecimento da vila de Castelo Branco e do seu sistema defensivo, ou seja, quase tudo o que existiu antes do registo do debuxador real, desde a fundação da povoação e castelo, encontra-se perdido tanto do ponto de vista arquitetónico

como documental, restando memórias (poucas) transcritas em tombos que referem anos anteriores a 1500 e que aguardam trabalho apurado de estudo e interpretação.

Qualquer tentativa de representação gráfica ou tridimensional, mesmo conjectural, da evolução estrutural e volumétrica das edificações, desde as erigidas antes do Foral de D. Pedro Alvito (1), Mestre da Ordem do Templo dos reinos de Portugal, Castela e Leão, em 1213/14, até à sua quase total derrocada é pois um aliciante (e gratificante) exercício de revisitação de uma época dos Albicastrenses que tanto tem para contar aos seus naturais e a quem nos visita. Contudo, fazer essa reconstituição usando toda a informação gerada em vários séculos e não cingi-la a uma época específica na cronologia histórica, leva quase sempre a representações de difícil ou impossível execução. Por esse motivo, a execução da maquete da alcáçova de Castelo Branco preferiu usar a data de 1509 como referência, usando interpretações conjecturais, mas sempre consentâneas com as volumetrias e conceções de estética, arquitetura e estratégia militar, bem como de organização sociocultural dos princípios do séc. XV., quando os documentos são pouco claros ou omissos quanto a esses itens.

(1) A 1 de Novembro de 1214, D. Afonso II assina um documento na Covilhã, em que doa [de juro herdado] definitivamente [Vila Franca da] Cardoso (...) com a obrigação do seu povoamento pelos templários e é D. Pedro Alvito o 11º Mestre da Ordem do Templo em Portugal e Mestre da mesma Ordem para os Reinos de Castela e Leão quem lhe dera já o primeiro Foral a 1 de Outubro de 1212, quem recebe essa doação e muda-lhe o nome para Castelo Branco. [Capelo, JM, Portugal Templário – 2003]

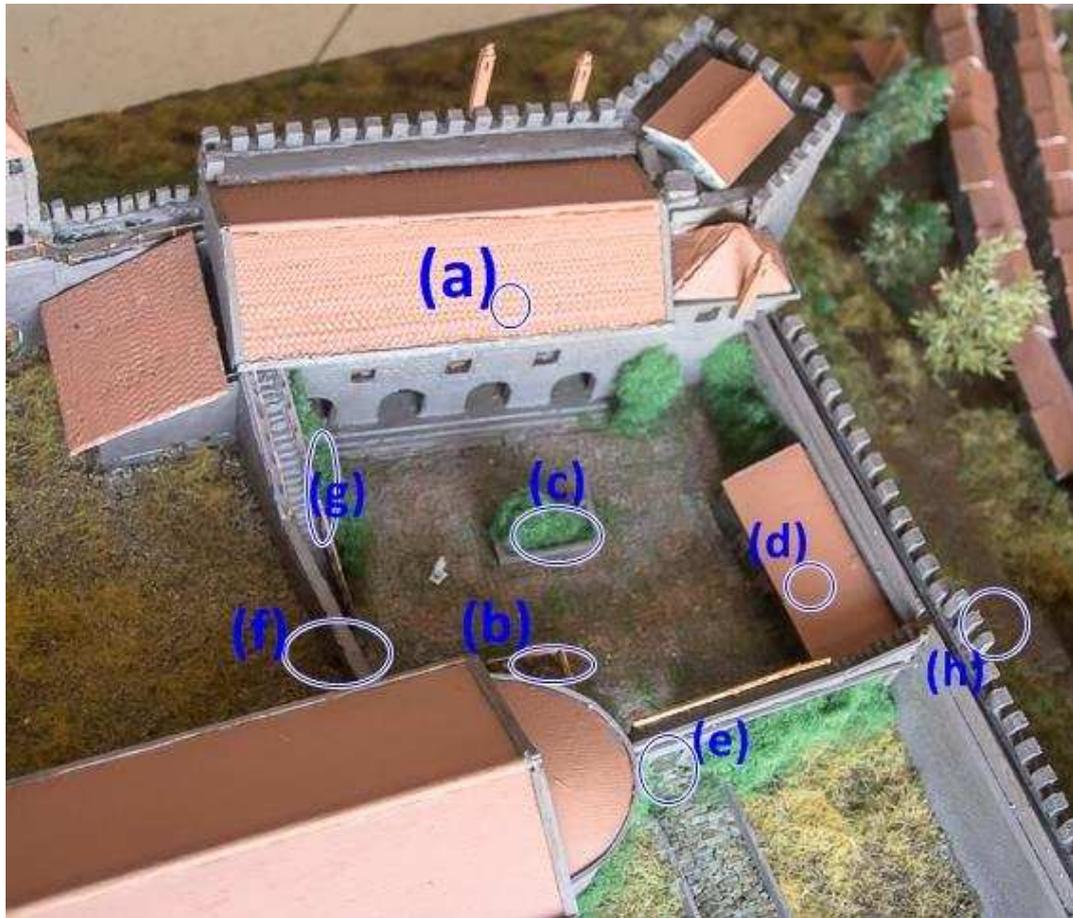
## Descrição da Maquete da Alcáçova de Castelo Branco

Representação à escala da alcáçova do castelo gótico de Castelo Branco (século XVI, aprox.1509) baseado em vários documentos e representações disponíveis atualmente conhecidas. Na sua conceção, procurou-se, sempre que possível, elaborar os elementos construtivos com a máxima similitude, pormenor e rigor. Quando tal rigor não foi possível, quer pelas dimensões reduzidas ou pelo desconhecimento, por falta de informação (ou informação dúbia), optou-se, pelo desenho e elaboração conjectural adotando critérios de outros castelos do mesmo período, comparando os seus elementos construtivos com o conjunto elaborado, harmonizando-os, com literatura especializada ou consulta de especialistas na temática da arquitetura de fortalezas.

O conjunto é composto pela alcáçova na qual se podem observar três espaços interiores distintos e bem definidos; **Pátio Principal (1)**, **Pátio de Armas (2)**, **Albacar (3)** os quais se descrevem a seguir:

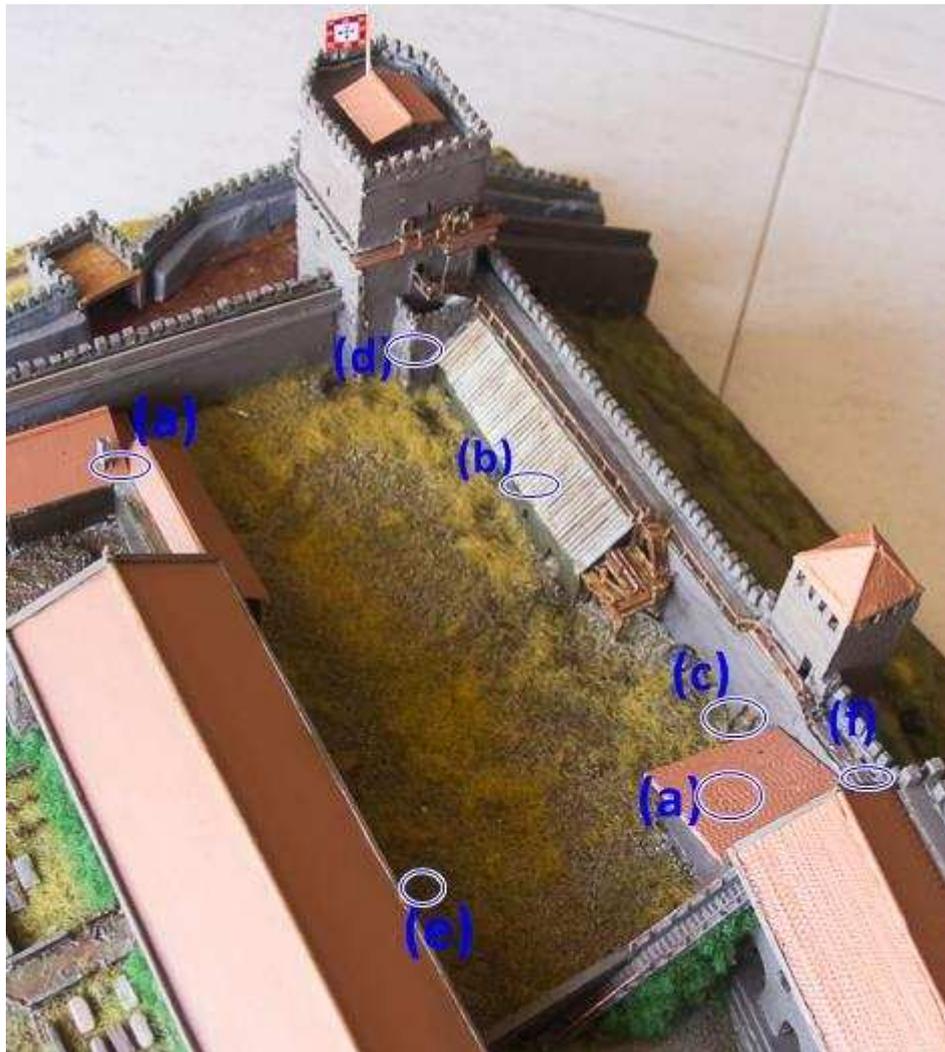


**Pátio Principal:** Palácio dos Alcaides/Comendadores (a), cisterna (b), jardim (c), estrebaria/cavaleriça (d); pórtico de entrada e ligação ao Albacar (e); pórtico de acesso ao Pátio de Armas (f); escadaria de acesso ao piso superior/varanda do Palácio (g); parapeito da muralha com três colunas nos quais se encontram os dois sinos da Igreja de Santa Maria (h)(\*)



*\* Estes sinos estavam aqui colocados e não, como habitualmente, no templo, em virtude de poder ser ouvido o seu toque a partir do exterior já que a muralha da alcáçova ultrapassava a altura da igreja de Sta. Maria logo, o som, não seria audível na vila)*

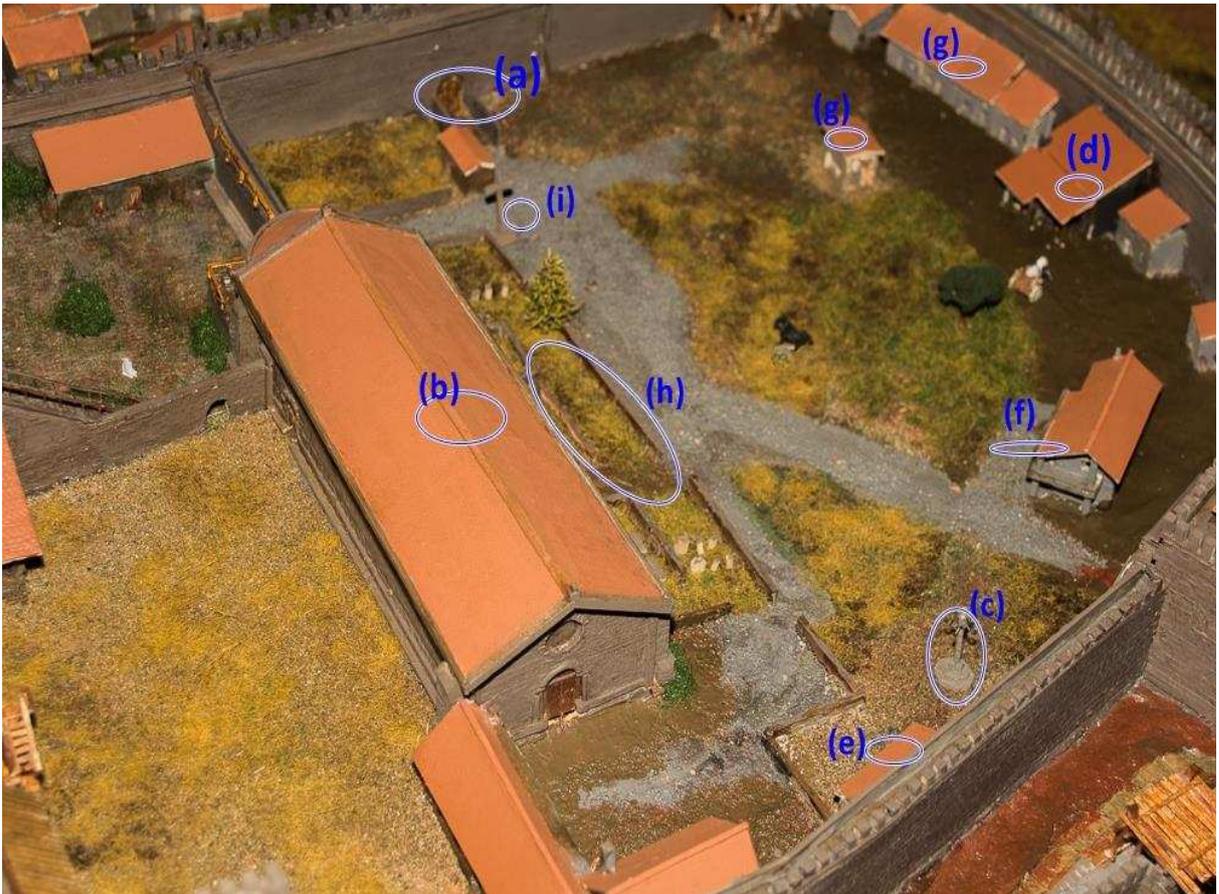
**Pátio de Armas:** alojamentos e outros apoios logístico-militares (a); cavalaria (b); portão térreo de acesso ao torreão norte (c) (é convicção do autor que não será de excluir a hipótese de neste torreão funcionar o depósito do armamento da guarnição militar (\*\*\*) e abrigo da mesma e um acesso ao adarve, pelos pisos superiores da citada torre norte); troneiras cruzetadas de defesa da torre de menagem (d); porta do acesso privativo dos alcaides/comendadores à Igreja (e)\*\*; acesso do palácio ao adarve da cerca norte e que daria acesso à Torre de Menagem (f).



\*\* Esta entrada foi colocada conjeturalmente. A mesma não está representada na planta de Duarte d'Armas mas segundo A. Roxo, na sua Monografia de Castelo Branco, no capítulo que dedica à Igreja de Santa Maria do Castelo, a dada altura, o autor escreve " Os comendadores Da Ordem de Cristo (...) tinham nesta Igreja uma tribuna, (...) a qual tinha entrada privativa pelo parque do castelo, e ficava da parte do norte." A inclusão deste elemento no local onde aparece na maquete deveu-se ao facto de ainda hoje ser possível verificar a existência de um arco de porta, entaipado, na parede norte da Igreja de Santa Maria do Castelo e que foi fechado aquando da reconstrução do templo em 1641.

\*\*\* vide Torres (Funções das principais), páginas 233/234 in Dicionário de Arquitetura Militar de Pires Nunes, ed. Caleidoscópio 2005

**Albacar:** entrada principal da alcáçova (a); igreja de Santa Maria do Castelo (b); pelourinho (c); atafona e casa do ferreiro (d); frágua/moinho (e); residência e serventias do clero da igreja de Santa Maria (f); residências de homens distintos da vila (g); cemitério (h); Cruzeiro\* (i);



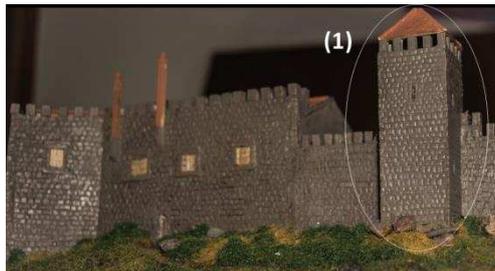
\*Este e alguns dos elementos arquitectónicos representados são conjecturais sendo pormenorizadamente descritos no trabalho que sucede a presente publicação e onde é justificada a colocação e existência provável.

A Maquete da Alcáçova tem representada, na envolvente externa, uma parte da Rua do Mercado (a), cerca da vila – início da banda sul (b1) e Norte (b2) esta com a provável localização da porta da traição (b3), barbacã (c)

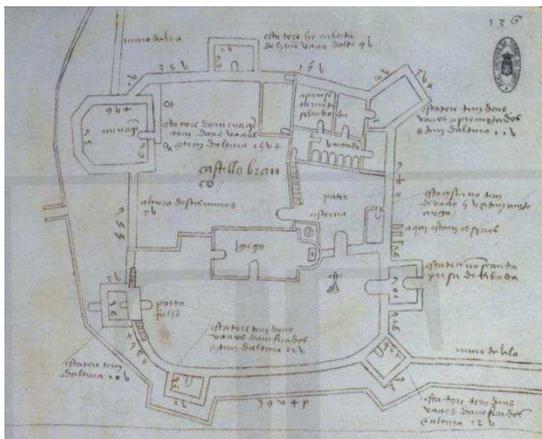


# Principais Elementos Construtivos da Alcáçova

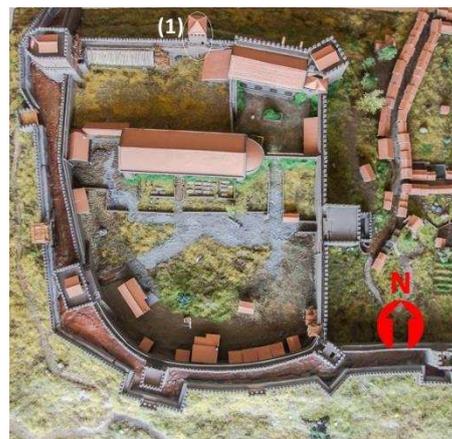
## Torre de Cerca



*Torreão Norte na actualidade*



Planta da Alcáçova de Castelo Branco de Duarte D'Armas (1509)



Vista de plano elevado da representação tridimensional (2015)

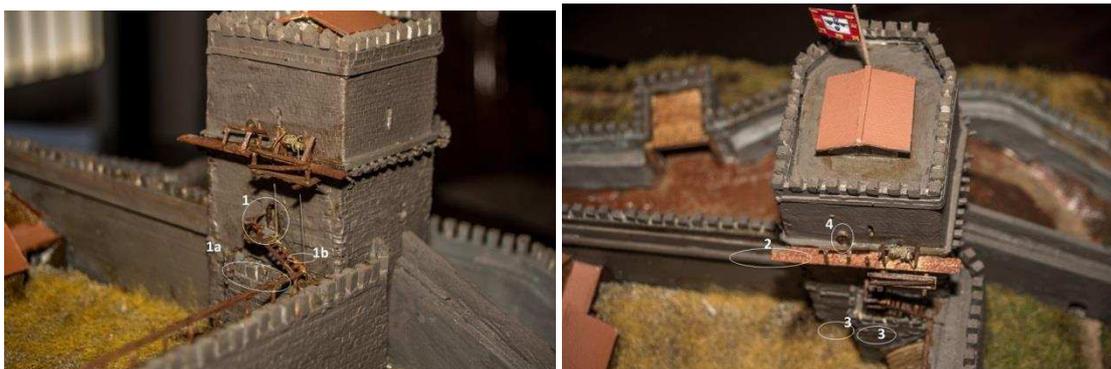
Denominada muitas vezes Torreão Norte (1), foi Intervencionada em 1940 e em 2004. Situado na cerca norte, orientada a norte, seria um dos pontos mais altos (não tendo em conta a Torre de Menagem) do conjunto da alcáçova; destinada à “defesa do próprio torreão (...)  
*flanqueamento das cortinas (panos de muralha); observação e vigilância do interior e exterior do recinto*”( Torres [funções das principais], in páginas 233/234, Dicionário de Arquitetura Militar de A. L. Pires Nunes, ed. Caleidoscópio 2005). Será, segundo vários investigadores, a única estrutura do castelo Românico que sobreviveu às intervenções aos longos dos anos.

## Torre de Menagem



Demolida. Situada no ponto mais a norte do conjunto, orientada a oeste, seria uma construção imponente e que sobressaía para o exterior do pano de muralha onde a mesma estava implantada e na qual se verificava a quebra desses mesmos muros e o início da cerca da vila. Símbolo do poder real e local, último reduto de defesa, posto de comando do alcaide e, em determinados casos, a partir do séc. XIV, residência nobre (desconhece-se se tal aconteceria em Castelo Branco em virtude de ali existir uma zona palaciana com recinto próprio e com comodidades que, certamente, seriam melhores que as da torre de menagem - nota do autor). Esta torre é de difícil reconstrução em modelo em razão do que é visível no seu alçado (Duarte d'Armas não mostra grandes pormenores nas duas representações panorâmicas); certo é que a mesma tinha planta hexagonal irregular (bem representada na planta do mesmo autor), com uma altura entre os 15 e os 16 m e além de posto de comando, seria de fundamental importância na defesa do sector oeste da alcáçova, o menos protegido em matéria de obstáculos e sistemas defensivos, com exceção da barbacã e, possivelmente, fossos e torres avançadas. Toda a zona oeste da alcáçova tem um relevo menos acentuado, quase uma extensão ou continuidade do planalto de implementação do castelo, que as restantes vertentes da elevação, logo de acesso menos dificultado a quem optasse por um assédio que não contemplasse as vertentes protegidas pela cerca da vila (vertentes norte, nascente e parte da sul/poente). A falta de referências dificultou a elaboração deste elemento construtivo e na sua reprodução recorreu-se a uma concepção conjectural baseada em outras torres de menagem de castelos portugueses da mesma época; dado que, na senda da teoria de não ser utilizada como aposentos e cómodos do alcaide/comendador, a mesma não estaria muito dotada de elementos estruturais mais estilizados, logo mais austera em elementos ornamentais e mais rica em elementos defensivos, não só da própria, mas também da sua zona de influência tática e estratégica. Contudo decidiu-se colocar um janelão Manuelino no

andar de topo, na face voltada para o exterior do conjunto. Além da porta elevada (1) em relação ao adarve (1a) que lhe dava acesso e à qual se acedia por meio de escada amovível (1b), adarve esse provavelmente ameiado e com duas troneiras (3) no plano mais baixo em relação à referida porta, foi construído, a meio da face exterior da frente da torre, um balcão de matacães (5) e, ainda no exterior, à mesma altura do pavimento do andar do topo, um balcão cadafalso (2), envolvendo todas as faces, assente numa cachorrada de forma a permitir uma vigilância e defesa multidirecional. À mesma acedia-se por uma porta na face interna da torre, virada para o interior do recinto (4). Para defesa do interior desse recinto, estavam posicionadas as duas troneiras no adarve de acesso à porta de elevada da torre.



**Balcão Mata-cães (5) da Torre de menagem encimado por um Janelão Manuelino (elementos conjecturais introduzidos pelo autor)**

Cabe ainda referir que desta tipologia (hexagonal irregular), no nosso país, só se conhecem as Torres de Menagem dos castelos de Castelo Branco e Penha Garcia, ambas perdidas, sabendo-se delas pouco mais que diferiam na volumetria (a Torre Albicastrense era de dimensões superiores às da sua congénere de P. Garcia). Há uma torre (que não de menagem, com uma configuração semelhante e que serve de igreja na alcáçova do castelo de Monzón - Huesca, no norte de Espanha)

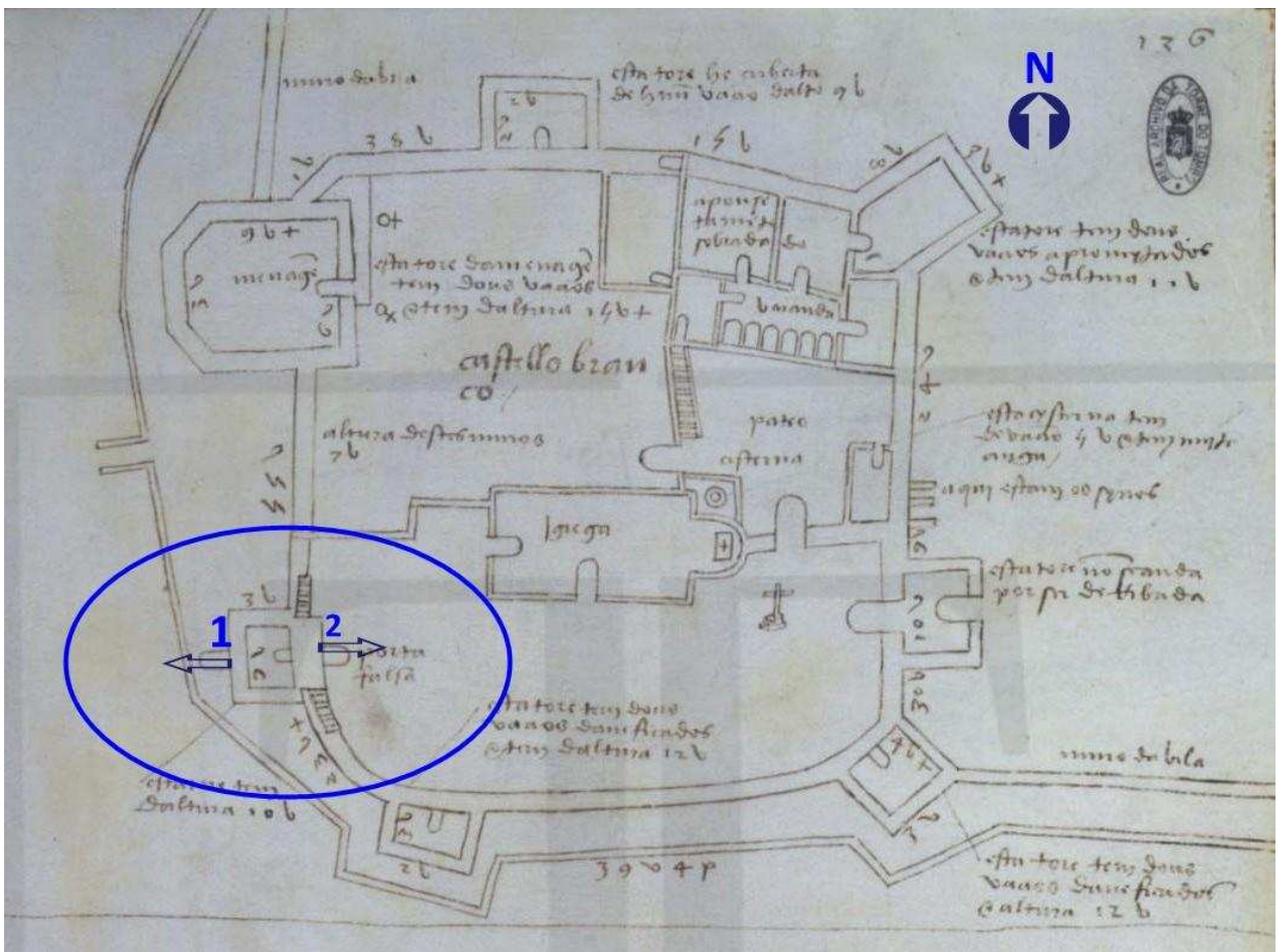
## Torreão da Porta Falsa



Demolido. Situado no flanco oeste, no Albarcar, orientado a oeste. Porta muitas vezes designada como Porta da Traição; este elemento defensivo destinava-se a (...) *dividir as forças inimigas de assalto, a qual, uma vez destruída não conduzia ao interior da fortaleza mas a um compartimento sem saída.* (Porta Falsa; in página 195, Dicionário de Arquitetura Militar de A. L. Pires Nunes, ed. Caleidoscópio 2005). A já referida “aparente” vulnerabilidade do castelo no sector oeste, poderia ser a razão de ali ser implantada esta Torre e Porta Falsa e assim não é de excluir que seja um dos importantes elementos de defesa daquele flanco. Perante tal facilidade, aparente, esta funcionaria como um possível chamariz ou convite a um ataque que obrigaria os atacantes a dividirem-se e consequentemente desgastarem os seus recursos em várias áreas de assalto à Alcáçova, dando vantagem ao contra-ataque, pela retaguarda, aos defensores. Sobre a “caixa”, a que se acedia pelo portão falso interior (1) e escadarias adossadas à muralha (2), no pavimento da torre, haveria provavelmente aberturas do tipo mata-cães para permitir o assédio dos invasores a partir do tecto.

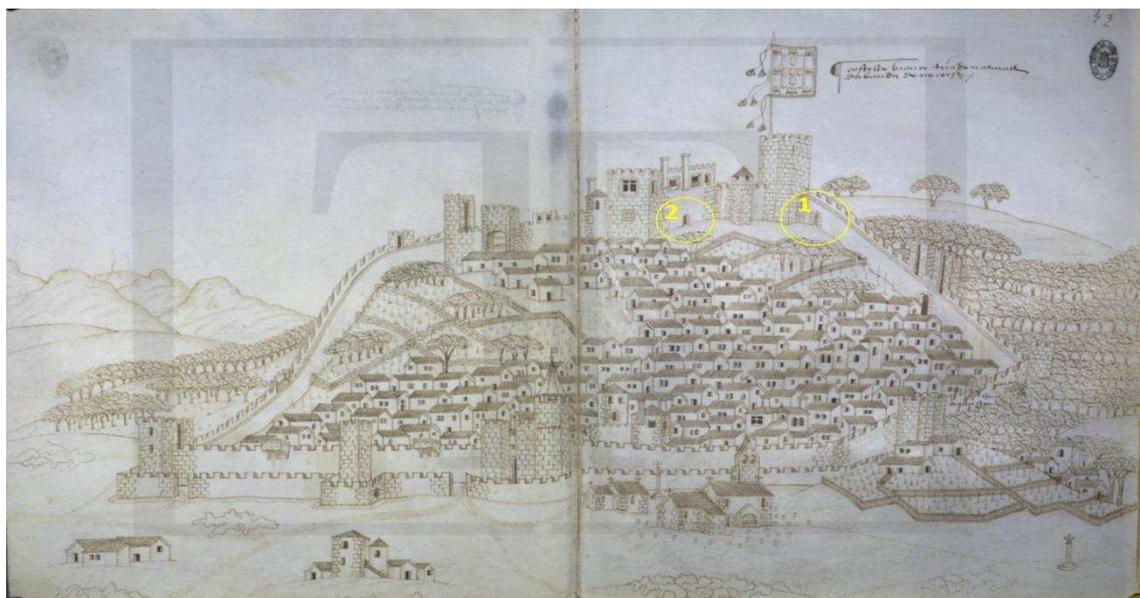


Uma observação atenta deste elemento na planta desenhada por Duarte D'Armas mostra-nos o facto de a representação das portas da mesma, atendendo à sua disposição, levam a crer que indicam precisamente que não existe ligação, continuidade ou comunicação na passagem entre ambas. Note-se que, na Porta Principal, como se verá adiante, as portas têm a mesma orientação para o interior da Alcáçova. Ora, neste Torreão, a porta do exterior (1) parece indicar para fora enquanto, a porta do interior (2), aponta para o interior.



**Localização da Porta Falsa segundo a Planta de Duarte D'Armas; as portas (1 e 2), como se pode observar, foram desenhadas em direcções opostas, dando a ideia de não haver comunicação entre ambas.**

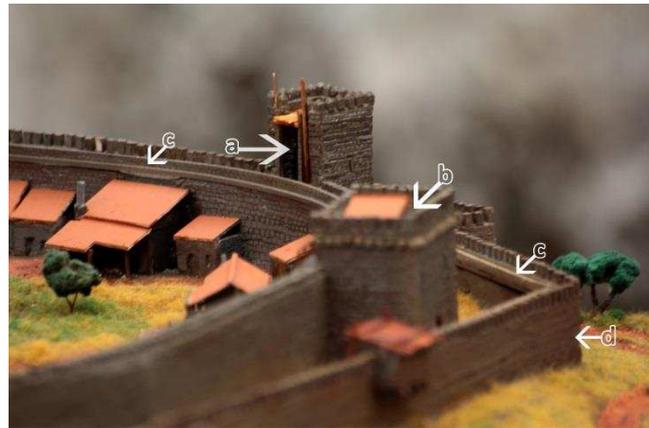
Acrescente-se ainda que é convicção do autor, por uma questão de lógica operacional, que a porta da traição (1) estava localizada alguns metros abaixo da torre de menagem, já na cerca da vila e a ela se acedia através da porta (2) existente no exterior do Palácio dos Alcaides ou através de alguma Poterna da qual se desconhece, a existir, qual a sua localização. Estas portas (Traição), geralmente elevadas ou de difícil acesso a partir do exterior, permitiriam a circulação dissimulada dos defensores e está representada, no entender do autor, na panorâmica da banda nordeste de Duarte D'Armas havendo contudo quem afirme ser a Porta do Esteval.



**Castelo Branco, alçado da banda nordeste segundo Duarte D'Armas**

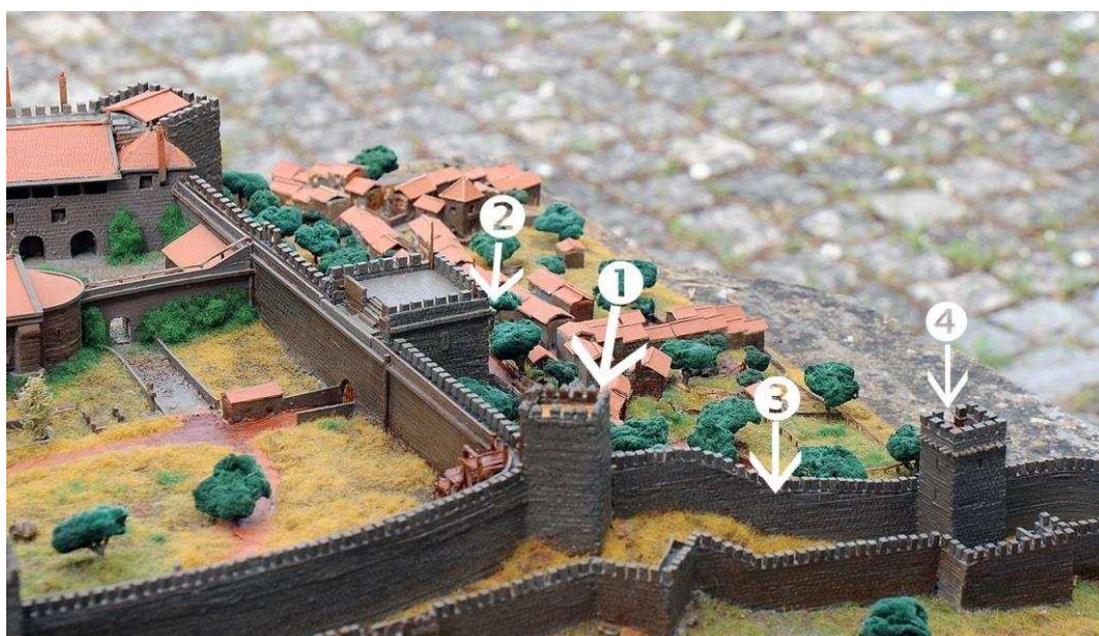
## Torre Flanqueante ou de cerca – sudoeste

Esta torre (1) foi demolida e existem ainda aquilo que parecem ser vestígios das suas fundações, mas carece de confirmação que só poderia ser obtida através de uma intervenção arqueológica. Situada no sector oeste-sudoeste, orientada nessa direção; torre de flanqueamento, com dois andares, rasgada na face voltada ao interior do pátio do albacar(a), para facilitar o assédio de invasores que conseguissem penetrar no recinto. As torres de cerca permitiam o flanqueamento dos panos de muralha, neste caso, a cerca oeste e sul, cabendo-lhe a defesa e apoio do Torreão da Porta Falsa (b), este mais baixo que a torre de cerca, ao mesmo tempo que defendia os adarves (c), não só da cerca/muralha, como dos adarves da barbacã (d), primeiro muro defensivo, que antecedia os muros da fortaleza e da vila envolvendo todo o conjunto.



## Torre flanqueante ou de Cerca - sul

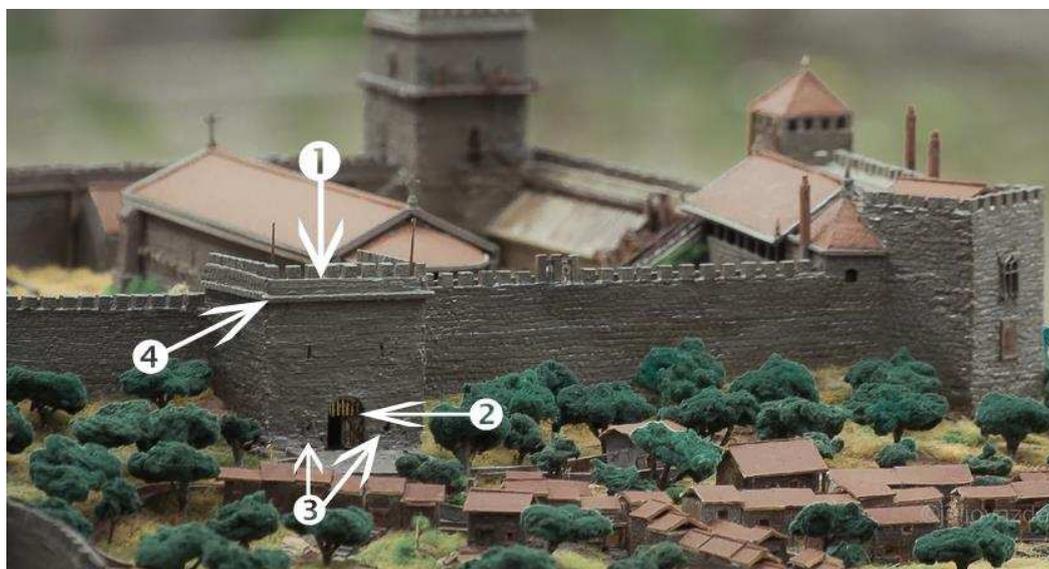
Torre (1) demolida mas há vestígios visíveis da sua antiga localização. Situada no sector sul, orientada a sudeste, possuía as mesmas funções da anterior. Aqui, era dado apoio na defesa à porta principal da Alcáçova (2) e era dela que partia a cerca da vila (3), em direção à Porta de S. Tiago, das quais atualmente apenas restam ruínas(4) recentemente (e parcialmente) recuperadas. Flanqueava as muralhas sul e nascente, encontrando-se na interceção das mesmas, oferecendo ainda proteção à torre de cerca (4) situada metros abaixo, na cerca da vila e adarves desta.



Aspectos da cerca da vila(3), antes da intervenção de consolidação recente (vistas a partir da torre dos Alcaldes e do Barrocal); de notar a presença de restos do Torreão flanqueante da cerca da vila (4)

## Torreão de Porta com a Porta da Alcáçova

Torreão (1) demolido. Existem vestígios do que poderão ser as suas fundações. Torreão baixo, situado na cerca Este e orientado no mesmo sentido, era nele que estava a principal porta da Alcáçova. Não há notícias que a mesma estivesse defendida por fosso e ponte levadiça sendo no entanto muito provável que estivesse provida de grade (2) e fortes portões (2) reforçados, troneiras (3) e balcão de tipo cadafalso, assente em cachorrada (4). As dimensões da parte frontal do torreão dão a entender que, no seu interior estaria alojado o mecanismo de acionamento da grade vertical. No pavimento da torre deveria haver aberturas do tipo mata-cães para permitirem o tiro vertical sobre os invasores, no caso de os atacantes conseguirem penetrar no interior da estrutura. Sobre a porta, do lado exterior, deveriam estar encastradas, como era costume, as pedras com as armas Reais e da Ordem de Cristo. Desconhece-se se existiria aqui uma barbacã de porta e ela não surge na planta de 1509; era usual a sua utilização em fortificações embora poucas tenham chegado até aos nossos dias. É observável esse elemento defensivo no castelo Monsanto.



Possíveis vestígios da base do Torreão da Porta da Alcáçova (5)

## Torreão do Paço dos Alcaides/Comendadores

Foi intervencionado em 1940 e 2004. Está posicionado na intercepção das cercas das bandas norte e este da alcáçova, orientado a nordeste, estava adossado ao Palácio dos Alcaides/Comendadores e para lá da sua missão defensiva teria funções de cómodos dos residentes palacianos. É um torreão de cerca (1) a partir do qual se pode divisar quase todo o recinto e vila, permitindo ainda defesa da porta principal (2) e da porta do palácio que se encontra no exterior (3) deste assim como as cercas norte e este. Permitiria o acesso a um adarve colocado ao longo do telhado do palácio para defesa da sua face norte.



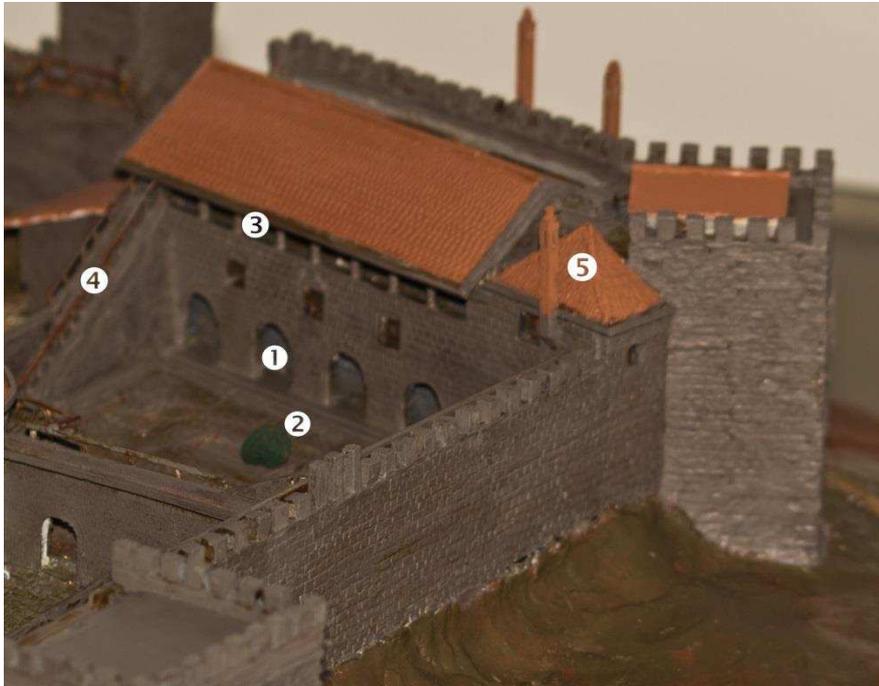
Torreão dos Alcaides (vista actual)

## Paço dos Alcaides/Comendadores

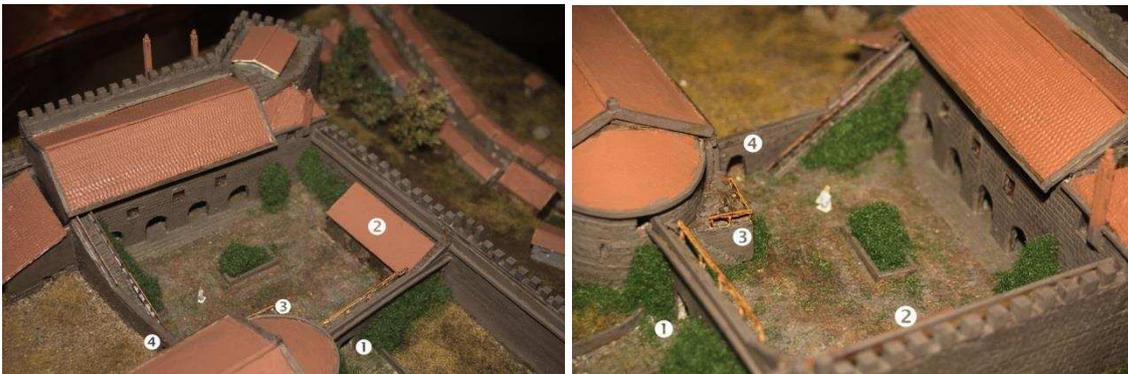
Foi demolido integralmente no séc. XX. Há alguns registos fotográficos da estrutura, que já não obedeceria então ao alçado original, o qual teria uma volumetria e configuração de fachada maior e de melhor impacto visual que os mostrados nesses registos. Na reconstrução feita na maquete do autor foram tidas em linha de conta (e na medida do tecnicamente possível) as várias descrições, algumas com mais de um século de diferença, sendo que a planta de Duarte d'Armas continuou a ser a base e assento para a elaboração da estrutura. Sendo o Paço difícil de representar com base nas várias descrições, todas de épocas diferentes, não só porque terão havido, entre cada uma delas, variadas intervenções na volumetria e alçado, optou-se por recorrer a edifícios recuperados da época e com funções residenciais e ou palacianas dos séc. XV/XVI. Como resultado temos um edifício com telhado de duas águas, fachada encimada de varanda alpendrada.



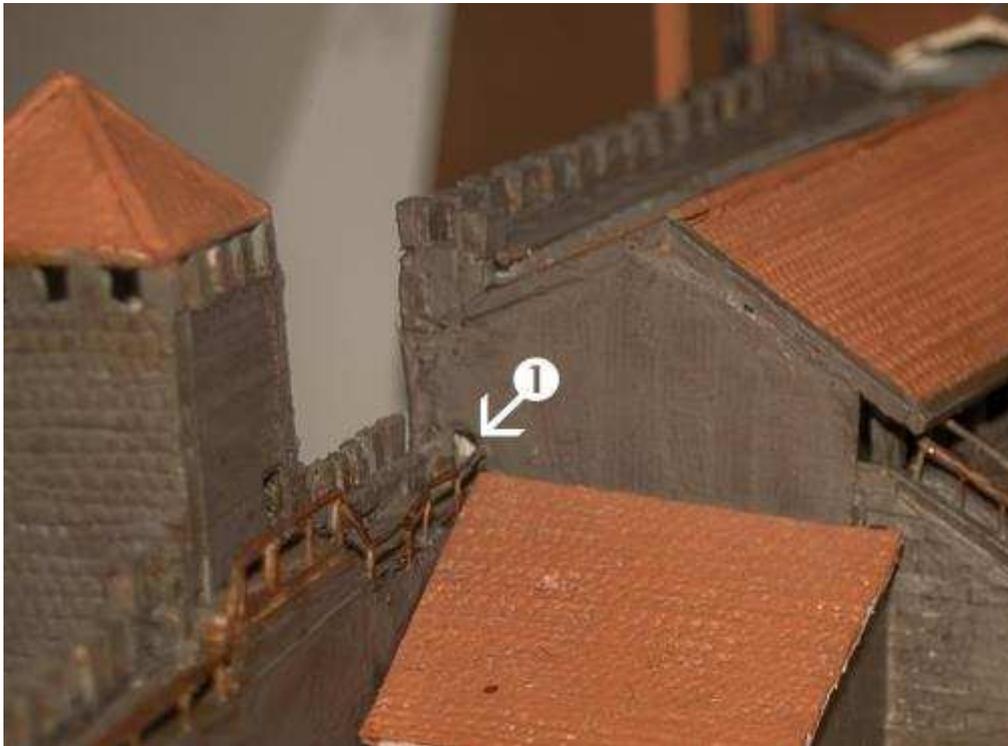
Na entrada do edifício, um alpendre recuado/átrio (1), com quatro arcos antecedido de escadaria (2) com somente dois degraus, de passo largo e espelho baixo. Para acesso à já citada varanda (3), no lado Oeste do pátio, existe outra escadaria (4). No lado Este do edifício, na continuação do vão da varanda, um anexo (5) com um telhado de quatro águas e chaminé onde muito provavelmente estaria localizada a zona de cozinha e serviços.



O conjunto teria um piso térreo e dois elevados, estendendo-se no seu interior para a Torre à qual se encontra adossado o edifício. No Pátio, havia uma zona ajardinada. Ainda neste, após passar a porta de acesso do exterior (1), à direita, encostada à muralha, uma cavaliçã (2) para os animais dos residentes e à esquerda dessa mesma entrada, uma cisterna (3) elevada, encostada à cabeceira da igreja de Sta. Maria, abastecida através das águas pluviais. Acedia-se ao Pátio através de um pórtico (1), a partir do albacar, tendo um acesso à praça d'armas através de outro pórtico (4), entre a cabeceira da igreja e a escadaria de acesso à varanda, ou seja, no muro interior oeste do recinto palaciano.



Na planta de Duarte d'Armas há ainda referência a uma porta (1) que daria acesso ao adarve do pano de muralha norte, único acesso directo, a partir do palácio, à Torre de Menagem, caminho que os Alcaides fariam em caso de ataque para, a partir daquela torre, exercerem a sua ação de comando.

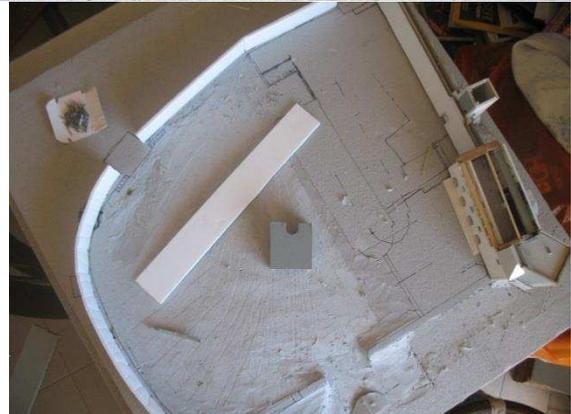
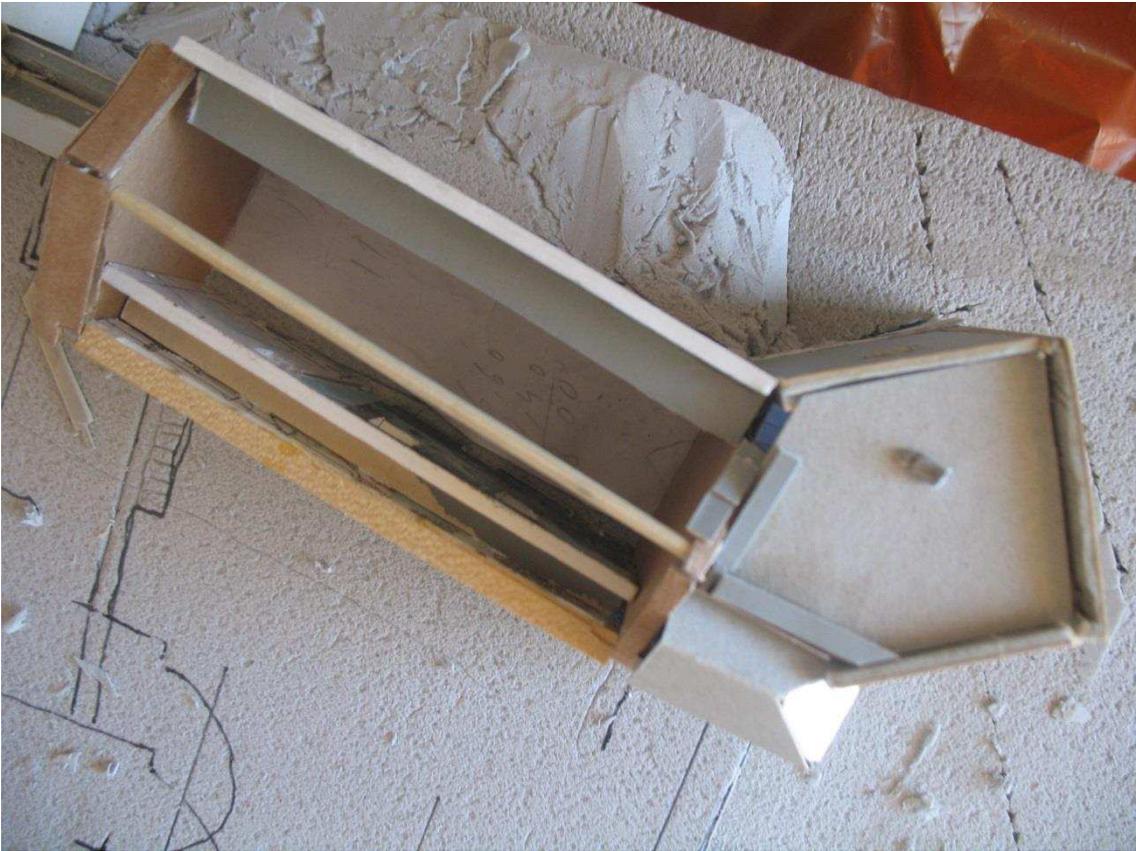


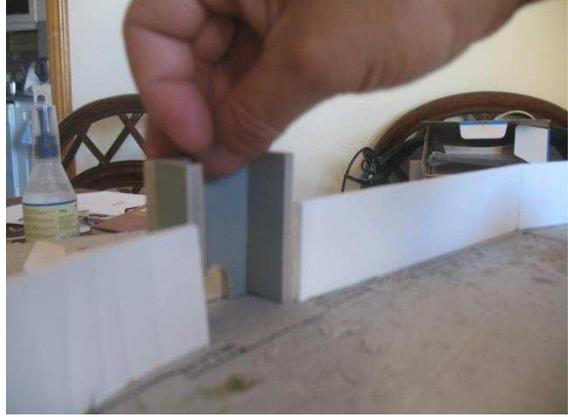
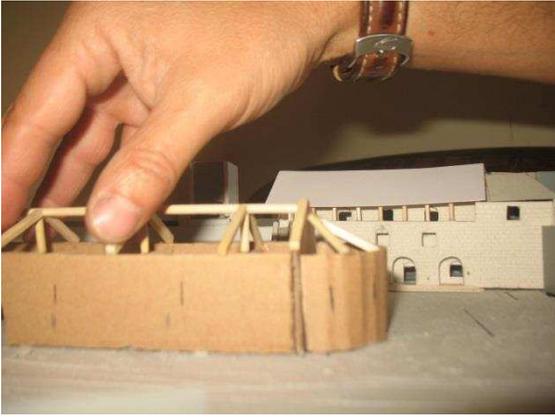
## Igreja de Santa Maria

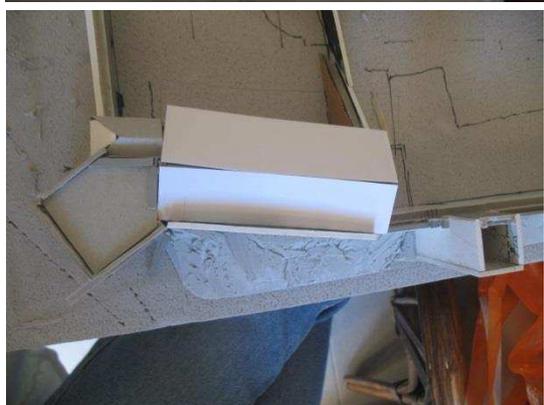
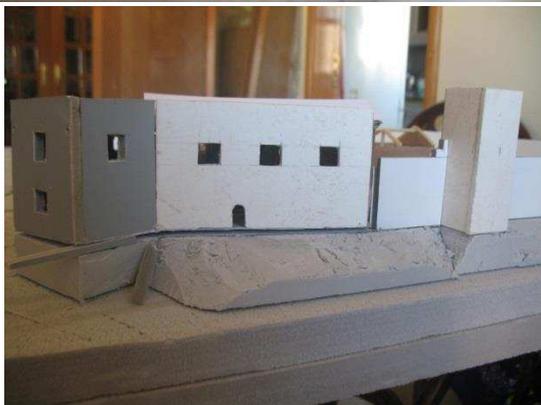
Objecto de várias intervenções ao longo dos séculos, em especial por destruições sucessivas com maior intensidade e frequência a partir do Séc. XVII, a Igreja de Santa Maria teria em 1509 uma volumetria muito próxima da actual com exceção da altura da sua nave, a inexistência da torre sineira e abside redonda (2). Atendendo à tese defendida pelo Arquitecto Nuno Villamariz Oliveira, o templo primitivo, de concepção românica, estaria implantada no centro da Alcáçova Templária, podendo estar integrada numa Torre de Menagem Central, em analogia com a existente na cidade Síria de Safita, nada mais e nada menos que o Chastel-Blanc da Ordem do Templo, no então Condado de Trípoli (convém referir que Pedro Alvito, o Mestre do Templo para os três reinos Peninsulares - Portugal, Leão e Castela – esteve naquela zona do Médio Oriente onde serviu na frente Ultramarina, antes de regressar a Portugal e se tornar Mestre da Ordem. Este e outros factos apoiam e dão força à teoria de o topónimo Castelo Branco poder ser uma transposição Templária, não só do topónimo da localidade Síria mas também da própria fortaleza – vide Castelos Templários em Portugal – Villamariz Oliveira, Nuno, Ésquilo). Estando localizada no interior da alcáçova, logo rodeada de muros com altura superior à do templo, a existência de uma torre sineira não teria grande eficácia na sua missão comunicativa, daí terem sido instalados dois sinos (1) em três colunas instaladas na cerca nascente, numa posição dominante sobre a vila. Seriam realmente mais eficazes e facilmente audíveis, ao contrário do que aconteceria se se encontrassem “encerrados” entre os altos muros da alcáçova. Na banda leste, na área do Albarcar, estaria situado o Cemitério (3) e um Cruzeiro (4).

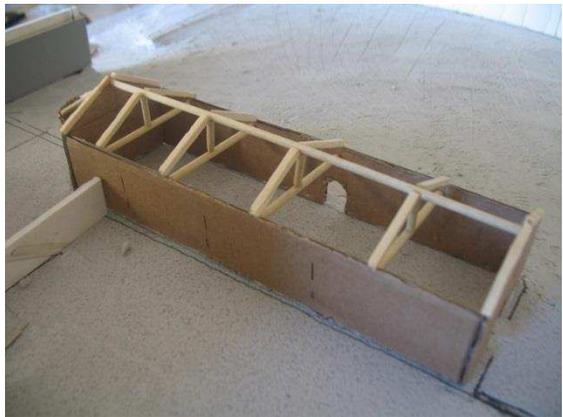
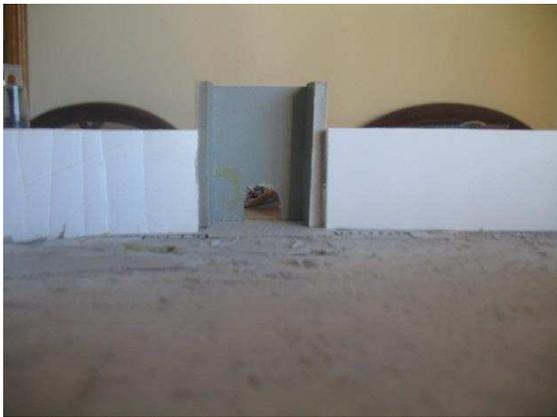


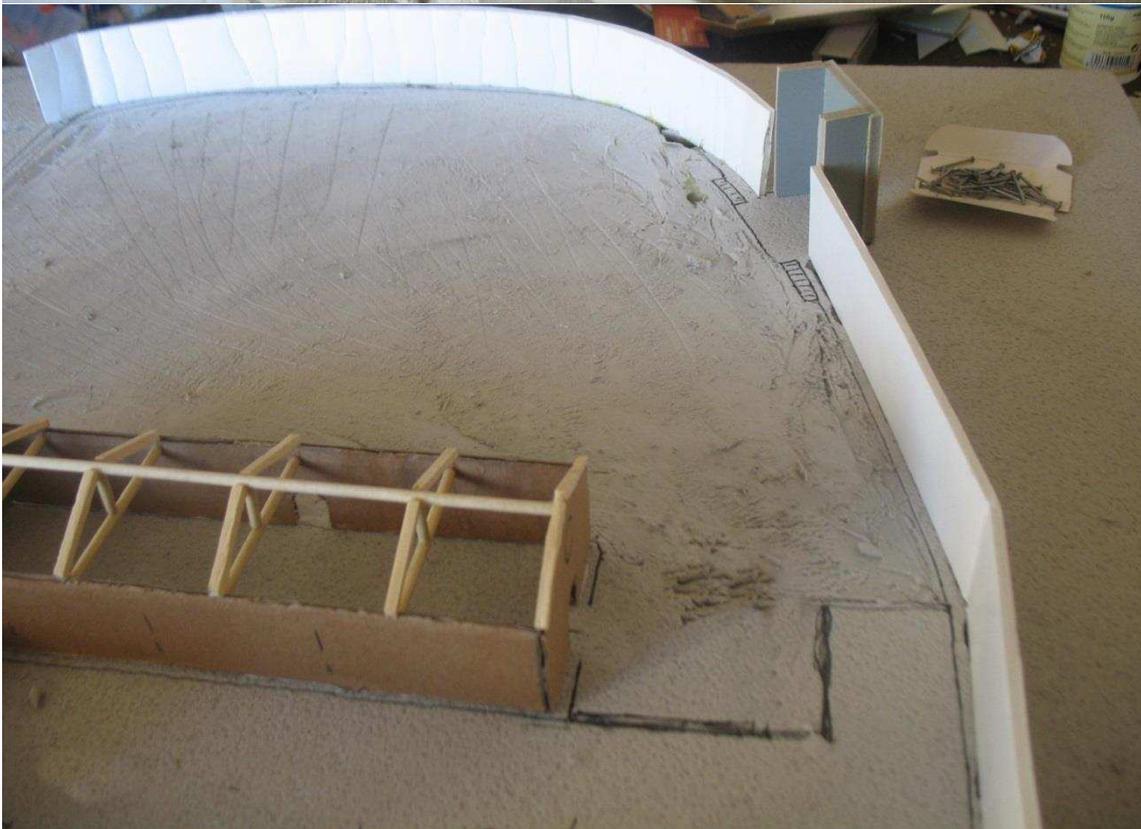
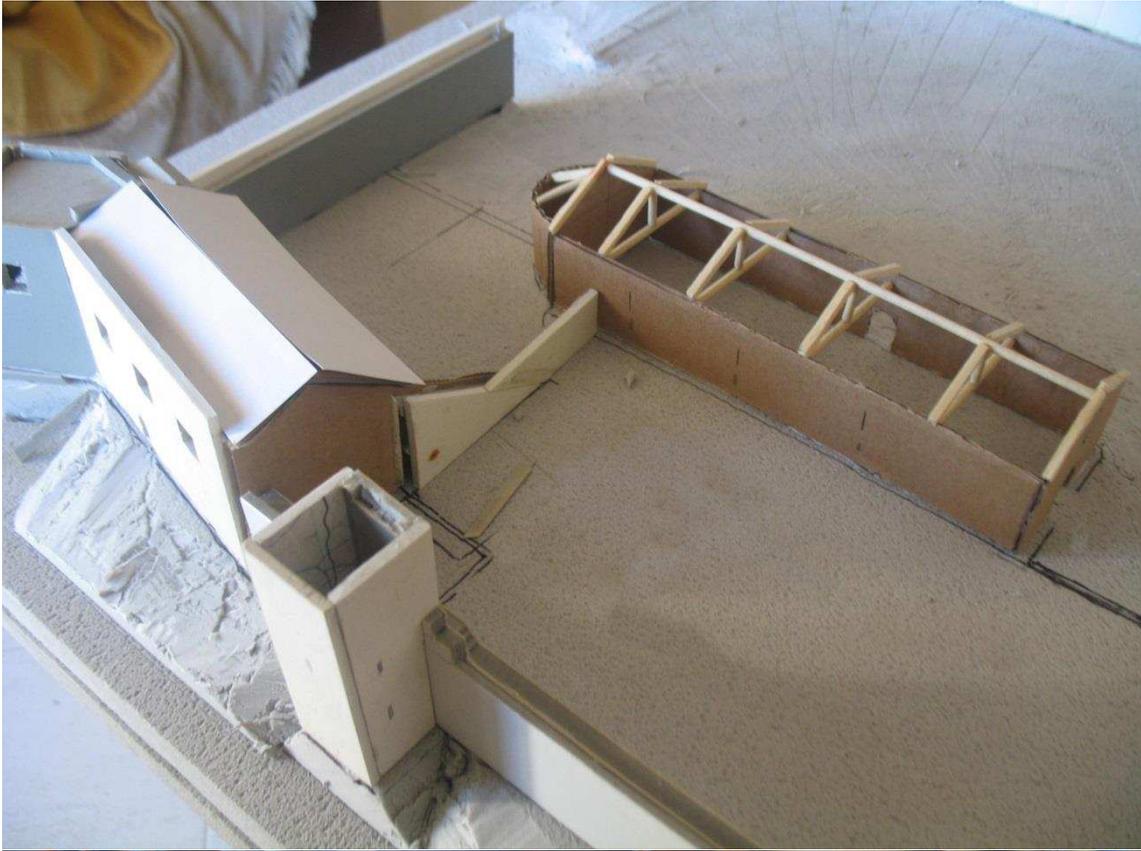
## Fotos diversas da Maquete (Evolução da execução e resultado final)

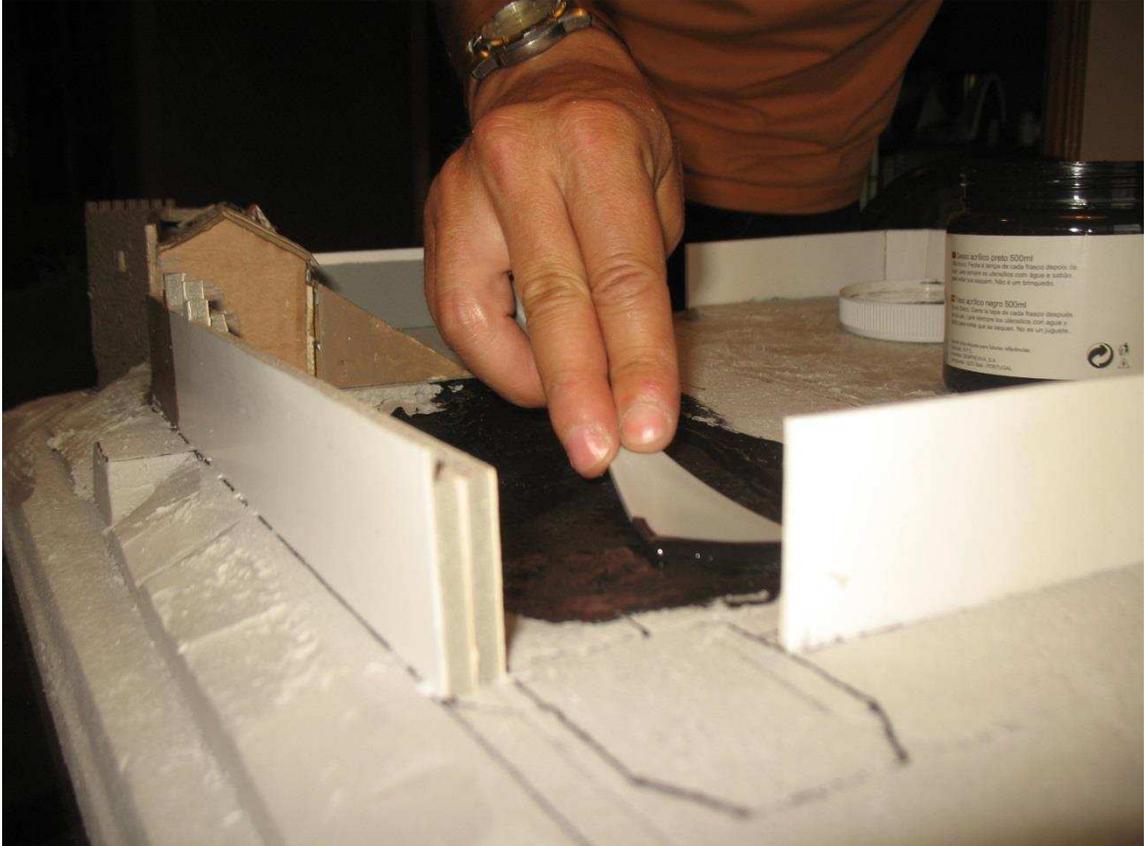
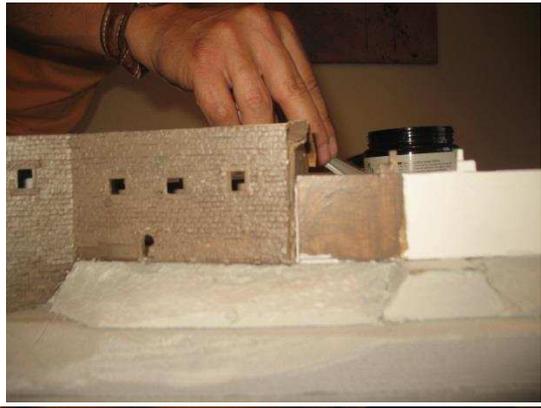








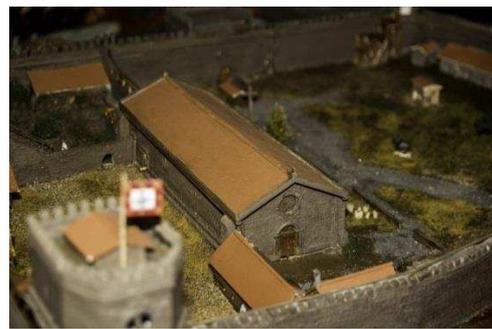




























Fotos do Autor e de José Miguel Jacinto

## Dados Técnicos

Maquete elaborada em técnica mista (maquete técnica/ diorama realista) sendo a reprodução tridimensional da orografia da área de implantação da alcáçova em plano tridimensional e representação, em modelo/maquete técnica, dos elementos construtivos representados; o trabalho (vulgo diorama) encontra-se preservado com caixa/protecção em acrílico transparente.

**Escala** - 1:200 (1 cm = 2,20m) – Na planta de 1509 as unidades de medida são expressas em varas e palmos e tudo leva a crer que essas medidas são exteriores. Assim, determinou-se um valor aproximado de 1,100 m para uma vara sendo que a referência para a conversão foi alcançada através do cálculo elaborado a partir da medição de uma das paredes do Torreão Norte, o qual não terá sofrido grandes alterações de volumetria após as intervenções a que foi sujeito.

**Materiais de construção** – K-line, K-mount, roofmate, cartolina, papel vegetal, pedra, madeiras de balsa, faia e pinho e aparite, gesso alabastino, gesso acrílico, argila/terracota, massas de moldar, vernizes e tintas acrílicas, colas, estanho, areia de modelismo, relva sintética, ramos de plantas naturais.

**Tempo de elaboração** – cerca de 840 horas em 240 dias

Os elementos conjecturais inseridos no trabalho foram objeto de consulta e postos à consideração de peritos nas diferentes vertentes a que referem os mesmos, tendo em conta uma lógica de harmonização do conjunto, adequada e o mais próximo da realidade da época representada. Sempre que se recorreu à intervenção de peritos nas diferentes vertentes, é feita referência aos seus nomes bem como às fontes.